

# A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:  
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00  
ANO III

MELGAÇO, 1 de Novembro de 1948

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 12

## A PAZ

Os homens estão a encarar com horror o espectro da guerra e procuram descobrir os meios de a banir do mundo, estudando as bases duma paz inalterável e definitiva. A paz é impossível se não desalojarmos do subconsciente da humanidade a ideia da guerra.

Este flagelo propaga-se por hereditariedade. Desde os tempos mais afastados as nações resolvem os seus conflitos pelo predomínio da força. A ideia da guerra acompanha-nos sempre. Não podemos fugir a esse lubre fantasma.

Os poetas cantam-a com os seus poemas imortais. Os escultores perpetuam-as com as suas estátuas. Os livros escolares glorificam-a com os feitos dos seus heróis. Na estrutura intelectual e afectiva do homem entra sempre a ideia da guerra. É tal o seu poderio que até os jogos desportivos estão a tomar atitudes bélicas, formando-se partidos que discutem como fanáticos e às vezes se agridem como inimigos. O génio guerreiro do povo germânico, que tanto mal tem feito ao mundo, é um caso de atavismo mórbido. As guerras são taras da vida bárbara dos tempos primitivos. É tal a sua influência psíquica que até nos escritos e orações patrióticas enlaçam a cruz e a espada, como símbolo de vitória. A cruz e a espada não podem viver unidas. São absolutamente antagónicas. A cruz é paz, a espada é a violência. A cruz é vida, a espada é morte. A cruz conquista as almas pela bondade e a espada escraviza as consciências pelo terror. Os exércitos e esquadrões são potências armadas, que fazem passar todos os dias diante dos nossos olhos o aspecto da guerra.

A notícia da vitória é sempre recebida com alegria, porque é o fim de conflitos sangrentos. A vitória faz terminar a guerra, mas não as guerras. O derrotado de hoje pode ser vencedor amanhã. É uma paz aparente, fugidia. O sentimento da desforra vive nêlo no estado latente, espertando a ocasião de saciar no inimigo de ontem a sede de vingança.

Fica sempre a supurar o foco das doenças. Todos confiamos no imenso poder militar dos Estados Unidos da América para deter o salto moscovita sobre as nações da Europa. O poderio das nações é contingente, como tudo que é humano. É da história de todos os tempos que as grandes nações se podem tornar pequenas, assim como as fracas se podem tornar fortes e grandes.

Não, é com armamentos formidáveis, fortalezas voadoras, bombas atómicas e tantos outros que se resolve para sempre o problema da paz, da paz intangível e definitiva. É, por isso, que todas as tentativas de pacificação tem falhado miseravelmente. Quanto mais se trabalha na realização desse grande ideal, mais se sente o cheiro a pólvora e sangue.

O homem estruturalmente mau não existe. Em todo o homem, por muito mau que pareça, vivem adormecidas reservas de bondade, que, uma vez acordadas, se podem transformar em actos de grandeza moral.

É preciso reeducar o homem, extinguir totalmente no seu pensamento a ideia da guerra. Esta palavra selvagem, cruel, monstruosa, deve desaparecer de todas as almas e de todos os livros. A guerra é detestada, porque é a negação da bondade. É assim que se explicam estes paradoxos emocionantes — aqueles que ontem amaldiçoavam a Alemanha, como causa de tantas dores, abrem hoje os seus corações à piedade para receberem as crianças dessa nação aniquilada e lhes darem alimentação, vestuários, confortos, carinhos. Não procuram saber qual a sua pátria. Somente veem cristãmente infelizes que é preciso socorrer.

(Continua na 3.ª página)

## Comércio de gado e negócio de carnes

...Sr. Director de «A Voz»:  
— Eu já não sei quantas vezes abordei este problema, nem quantas apresentei dados e contas que permitissem aos leitores considerar bem a questão. Sei que em todas as

ocasiões apresentei o problema servindo-me de uma divisa do general Butgeud, especializado em estudos de Defesa Nacional. Dizia este mestre que um País pobre em gado era escravo do estrangeiro.

Não vale a pena alongarmo-nos na explicação deste facto. A carne é a base mais rica da alimentação pública. E está tudo dito, para que se compreenda o valor da riqueza pecuária no quadro da Defesa Nacional.

Já fomos um País riquíssimo sob o ponto de vista pecuário. Pela barra de Viana alimentávamos grandemente o povo inglês com carne dos nossos bois barroços.

E pela raia seca — Espanha — dentro — os bois passavam sem passaporte, ou com licença de exportação a inundar a marchantaria espanhola.

Bons tempos. A criação e a engorda do gado era o «fartote» do lavrador: — mealheiro de quatro patas, na realidade valor indispensável (Continua na 3.ª página)

## Os nossos assinantes

Pagaram o ano de 1947

os senhores

Hilário Alves Gonçalves, Vila; Amadeu Afonso Alves, Pomares; Manuel Inácio Pires, Queirão; Manuel Fernandes, Gave; José Domingos Pinto, Grive; D. Emília C. Magalhães, Vila; Salvador Manuel Domingues, Paderne; José Eugénio G. Pereira, Prado; António Lourenço, Rouças; Carlos Ribeiro Lima, Vila.

Pagaram o ano de 1948

os senhores:

D. Emília C. Magalhães, Vila; Alvaro de Sousa, Rouças; Dr. João de Barros Durães, Vila; Narciso Esteves, G. F., Vila; Justino Afonso, Parada do Monte; Abel Augusto Rodrigues, Vila; Manuel da Rocha Passos, Penso; João Manuel de Sousa Lima, Vila; José Rodrigues, Cascais; Manuel de Castro (G. Flo.), Lamas; António José de Freitas, S. Pavo; prof. José Caetano Gomes, Ancora; José Joaquim Pereira d'Eça, Paderne; Justino Domingues, Paderne; Carlos Ribeiro Lima, Vila; Avelino Gonçalves, Peso.

Estas assinaturas foram pagas na administração do jornal, na residência paroquial de Melgaço, ao rev. do Justino Domingues. Podem os nossos prezados assinantes continuar a enviar directamente o preço das suas assinaturas, porque assim evita-

mos as despesas do correio.

A fim de facilitarmos qualquer reclamação, publicamos, consoante os termos recebendo, os nomes dos assinantes, no jornal: nome, ano que pagaram e localidade. Desta maneira faz-se o controle com mais facilidade e todos sabemos em que ponto estamos.

Atenção, pois, às listas dos assinantes que vão pagando a assinatura.

## Andorinhas que voaram pela nossa terra



O sr. Abade da Vila com as crianças austriacas

Lá se foram as belas criancinhas austriacas que alegraram a nossa terra durante alguns meses.

Lá se foram... Quais andorinhas que poisam nos umbrais das nossas casas e nos deixam, quando da abalada, as saudades de tão meiga e alegre companhia, assim as crianças austriacas que nos trouxeram a beleza dos jardins de Viena, a graça das águas do Danúbio e a vida daquela magestosa cidade.

Quanto sofreram antes de chegarem à nossa terra!..

O que terão de sofrer, depois de haverem alcançado a saudosa e querida Pátria de Strauss e de Dolfuss, o primeiro músico gemal, o segundo, católico e patriota, sem rival.

Vimo-las partir: foram andorinhas que voaram pela nossa terra...

Que Deus as acompanhe.





# PELA NOSSA TERRA...

## DA VILA E ALDEIAS

### PELA VILA

#### Notícias da quinzena

Estão as colheitas quase terminadas. Houve pouco de tudo, mas pelo menos é bom. Agora mudou o tempo, tendo hoje chovido e ventado, e feito bastante frio.

— Estão paralizadas as obras da Calçada. Que pena! Estava ansioso por noticiar a conclusão aos leitores ausentes e assim não sei quando poderá ser. Aqui parece que tudo empena; não conheço os motivos.

— Está em Melgaço mais uma criança estrangeira. Uma das que regressaram à pátria já escreveu a agradecer o bom acolhimento. Pena é que os favorecidos da fortuna não se resolvam a praticar destes ou semelhantes actos de caridade.

— Brevemente as crianças da Vila terão um magusto: por enquanto, que nos conste, ainda ninguém se resolveu a auxiliar o pároco nas despesas da catequese.

— No domingo foi muita gente a Braga ver um desfilio de futebol. No regresso um dos excursionistas, o sr. Fernando Gonçalves, que vinha de moto, foi agredido à pedrada em terras de Arcos de Valdevez e dali teve que voltar para Braga, em estado grave, com o crânio fracturado, onde ficou internado em uma casa de saúde. Que barbaridade! Desejamos-lhe prontas melhoras.

— Também hoje, segundo nos consta, é prestada merecida homenagem ao nosso particular amigo o sr. António Esteves, Mto. Dig. funcionário de Finanças, que agora vai como Chefe para Portalegre. Daqui lhe endereçamos os nossos parabéns, as nossas saudações e cumprimentos de despedida, fazendo votos pela sua felicidade.

### Parada do S. Paio, 20 Monte, 23

No dia 12 partiu desta freguesia o nosso amigo Manoel Viète, com destino à Barquinha. Desejamos-lhe feliz viagem.

— No dia 17 deu à luz uma menina a sr.ª Rosa Viète, esposa do sr. Manoel Lourenço, do lugar do Carrascal.

Também deu à luz uma menina a sr.ª Maria Viète, esposa do sr. Francisco Rodrigues, do lugar da Trigu-eira.

Também deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª Albertina Afonso, esposa do sr. José Pereira do lugar do Cotosanto.

— Está decorrendo o mez do Rosário nesta freguesia, encontrando-se o templo todos os dias quase literalmente cheio.

— No dia 16 faleceu na freguesia de Riba de Moura, donde era natural, a mãe do nosso pároco P. António José Rodrigues. A família enlutada enviou-nos as nossas sentidas condolências.—C.

Toda a freguesia de S. Paio se associou à justíssima homenagem prestada, no passado dia 10, ao grande melgacense, dr. Victoriano Ribeiro de Figueiredo de Castro.

Não há um único lar onde aquele ilustre médico não entrasse, quer recebendo quer consolando os pobres doentinhos com as suas amáveis palavras.

Foi por isso que em todos os rostos se via correndo uma lágrima de satisfação por ser prestada justiça a aquele grande médico dos pobres. Nós também comungamos na manifestação realizada e desejamos que Sua Ex.ª goze muitos anos de boa saúde.

— Depois de uma prolongada doença, faleceu, no lugar de Cavaleiro Alvo no passado dia 29, a sr.ª Maria Rosa Esteves, viúva de Parada. Apresentamos pésames à sua família.

— Já começaram as esfolhadas, ouvindo-se can-

tigas regionais por toda a parte.

— O povo queixa-se de que tem falta de géneros alimentícios e tem muita razão.

— Terminaram as enviasas do vinho. Houve menos do que o ano transacto, mas teve mais graduação alcoólica.—C.

### Rouças, 23

Prosseguem activamente os trabalhos preparatórios, para o começo das obras de ampliação da capela de Santa Rita e espera-se que a planta em breve seja exposta nas montras da nossa vila.

— Para Madrid, partiu hoje o nosso preso assinante e amigo, Sr. Felizardo Fernandes, de Surribas. Desejamos-lhe boa viagem e que logo regresses à casa paterna.

— Também retirou para França o nosso amigo Sr. António Fernandes, de Corções.

— Encontra-se mal de saúde a sogra do nosso preso assinante, Sr. Teodorico Fernandes. Desejamos-lhe prontas melhoras.

— No dia 13, saiu da nossa igreja uma linda procissão de velas em honra de N. Senhora da Fátima, que foi ao lugar do Calvário. Tomou parte muita gente e foi muito o respeito. Antes, houve a hora santa.

— Também esteve entre nós o sr. Ferreira da Silva, que todos os anos deixa para os pobres desta freguesia, por intermédio da Conferência de S. Vicente de Paula, 600\$00. Acompanham o Sr. Ferreira da Silva sua Ex.ª esposa, seu genro, o sr. Engenheiro Parda, sua esposa e filhos.

— Já se encontram na igreja dois ricos confessionários, estilo gótico e de uma grande beleza, obra do mestre Abel Barrenhas, da vila.

— A escola masculina já funciona na casa da Cavadinha e é grande o numero de alunos.

Espera-se que em breve ali funcione a das raparigas, tendo sido incansáveis nestes trabalhos todos os membros da Junta de freguesia. Foi tal o regosio, que no final de transporte das carteiras e mobiliário, houve fog.

— Vão adiantados os tra-

### Gave, 22

**Regresso** — Já regressou a sua casa, no dia 25 do passado mês de Setembro, o nosso bom amigo e conterrâneo Américo Esteves, que se encontrava internado no Hospital de S. Marcos da cidade, de Braga. Tinhamos notificado em numero de 15 de Julho que este nosso amigo fora alvo dum grave desastre nas minas da Venda Nova, mas, consoante ele nos contou, não foi como aqui se dizia, nem como nós, tampouco o relatamos. Foi mais grave ainda. Dentro duma mina, não julgando haver óculo de despejo, caiu nele, descendo, em tal queda mortal, 26<sup>m</sup> e, como sobrecarga, ainda lhe veio à cabeça um pedaço de prancha.

O seu estado por enquanto ainda é melindroso.

— **Pela Peneda** — O sr. Agricultor da serra da Peneda já terminou o arranque da batata. A produção parece ser satisfatória.

As coisas muitas vezes não vão na linha que deviam seguir. Como se está em pleno coração da serra julgam que podem abusar dos pobres trabalhadores.

Ainda no pretérito dia quinze, quando o encarregado do batatal procedia ao pagamento da quinzena finda, deu-se um caso desagradável com perigosas consequências. Não pagou ao preço estabelecido. Alguns trabalhadores ofendidos, assim protestaram e revoltaram-se. Então, como é isso?

E também será de gente portuguesa e civilizada obrigar os trabalhadores a um horário mais longo... Que burla!!!

Muitos trabalhadores depois de principiarem a quinzena não podem ir todos os dias, por motivos justificados. Que acontece? Apoiados na ignorância dos trabalhadores, nos dá a seguir às faltas, ainda que voltem a trabalhar, fazem-lhe um desconto de 7\$90, 2\$00, 3\$00

balhos dos campos, onde agora se «esfolha» o milho.

— Trabalham activamente os alambiques da aguardente.

por dia. Será justiça? O operário, seja onde for, tem (ou deve ter) o direito de receber os dias que trabalhou, por completo.

Pobre trabalhador que passas todo o dia de enxada na mão, cavando a terra, de coluna vertebral dobrada, suando em bica, mal vestido, mal alimentado, debaixo dum sol abrazador, escondidos no meio duma nuvem de poeira! Como é dura a tua vida! Como o teu sangue é chupado como o polen das flores pelas abelhas!... triste sortel!!!

As coisas devem ser como são e não como queremos que sejam.

Pedimos providências a quem de direito.

— **S. Miguel** — Já está quase no fim o «S. Miguel» que por cá é bastante abundante.

— **Caçadores** — Os nossos montes tem sido visitados por numerosos caçadores. Este ano, ao que se vê, ainda há uma «caçinha».

— **Para o Seminário** — No pretérito dia 11 partiu, para o Seminário de N. Senhora da Conceição, (Braga) o seminarista José Durão Domingues.

Que tenha um feliz ano lectivo são os nossos votos.—C.

### Duas grandes noticias

O rev. Abade de Castro Laboreiro, sr. P.º Anibal Rodrigues, acaba de receber do Ministério das Obras Públicas a promessa de que em breve começarão as obras de restauro da igreja e castelo.

— **Abraçamos o querido Amigo** pela esforço que de há muito tem dispendido em pôr daquelas grandes reliquias do passado.

Pessoas gradas da freguesia de Pães acompanharam o rev. pároco, sr. P.º Manuel Lourenço, até junto de S. Ex.ª o sr. Governador Civil de Viana, a quem no passado dia 10, quando da sua visita ao concelho, pediram uma estrada para aquela freguesia.

(Continua na 3.ª página)



# Notas do meu caderno... Comércio de gado e negócio de carnes

MARECHAL LYAUTEY — Foi um grande admirador dos portugueses este bravo cabo de guerra e primeiro Governador do Marrocos francês.

Era um católico de profundas convicções, e de tal maneira que foi indigitado para ser o Presidente do Centro Católico de França, na época da perseguição religiosa.

Mandou que na sua sepultura se escrevesse o seguinte: «Aqui jaz Luiz Herbert Gonzalvez Lyutey, que foi o primeiro Governador Geral do Marrocos, 1915-1925, fulvido na religião Católica, de que recebeu com plura je os últimos sacramentos».

Era descendente de portugueses.

PADRE CRUZ... — A morte do saudoso padre Cruz veio lembrar essa grande figura de pedagogo que há pouco desapareceu na América, o P. Flanagan.

Era sua tese favorita «Não há rapazes mais».

Faleceu na Alemanha, mas foi transportado para a América e os seus rapazes, que tanto sentiram a morte do grande «Pai» e educador, vieram em número de cinco mil, assistir ao funeral do ilustre extinto.

Toda a América se comoveu com esta morte precoce. Truman enviou o seguinte telegrama: A juventude americana, como a juventude de todo o mundo, perdeu um amigo fiel com a morte inesperada do Padre Flanagan.

UMA UNIVERSIDADE — Vai fundar-se no Brasil mais uma Universidade católica, na capital de Minas Gerais. Vem juntar-se àquelas que os católicos levantaram no Rio de Janeiro e em São Paulo, duas cidades de grande progresso.

Em todos os tempos e em todos os lugares a Igreja sempre cuidou do momentoso problema da educação da Juventude.

NA BELGICA — Foi surpresa para muitos a atitude dos senadores católicos da Bélgica, que revelaram o seguinte: Há naquela país *setecent e noventa mil* alunos de escolas católicas. As do Estado, as confessionais, tem apenas 435.000 alunos. A Universidade católica deuzavaina teve no ano passado, a frequência de 5.900 estudantes, ao passo que a do Estado acusava só 3.900 alunos e a chamada Universidade Livre 3.100.

AQUELES RUSSOS... — Aqueles russos tem muita piada... Ora quem ve? — Há dias, os Delegados das Nações Unidas, em reunião para estudarem os chamados «Direitos do Homem», foram surpreendidos com a moção do valoroso representante brasileiro, que propôs o seguinte:

«Criado à imagem de Deus» etc. Ao falar-se de «Direitos do Homem», todos sabemos que a raiz de todos eles é, na verdade, o sermos todos irmãos e filhos adoptivos do mesmo Deus.

Peis houve quem não gostasse da proposta. E quem havia de ser? Um dos delegados russos diz que não concorda e até porque no seu país tem sido muito debatida esta questão e às vezes é encarada como reflexo de atrazo social...

...«Tem sido muito discutida...»

«E, às vezes encarada como reflexo de atrazo social.»

Aqueles russos...

Mas o facto, o triste facto, para vergonha duma sociedade do século vinte que tem visto pelos jornais e revistas as fotografias das mais altas autoridades, prestando culto público a Deus, desde Truman, Churchill, Montgomery, etc., é que a foice e o martelo venceram.

## O Comboio para Melgaço

Um vez mais voltamos ao assunto numero um para o desenvolvimento económico e turístico do Concelho de Melgaço. Necessidade imperiosa e premente é essa do caminho de ferro a que o Concelho tem juz: o prolongamento do trço ferroviário aquem Monção. Encaremos ainda à luz serena da razão e da tranquilidade o que póde representar e representará para o desenvol-

(Continua na 3.ª página)

(Continuação de 1.ª pág.)

à lavoura por retoçar nos campos, comer as palhas, fabricar estrumes e servir de fiador nos contratos de renda. Sim, de fiador.

...

As terras nortenhas, no geral, são arrendadas à maquia -- tantas medidas de cereal e o vinho a terças. Calhava, muitas vezes (como hoje calha) não ajudar o tempo e a produção cerealifera não chegar para a renda.

O comércio de gado vinha, como fiel da balança, restabelecer o equilíbrio entre caseiro e patão.

Nos contratos de arrendamento o gado entrava como valor meeiro: — metade do patrão (que o pagava nas feiras), metade do caseiro, que recebia 50% do valor da medrança e das crias.

Isto era no tempo em que se comprava gado para criação ou trabalho, se vendia o gado\* depois de crescido e engordado, e o mercado pagava as arrobas de gordura, que os animais levavam.

Quer dizer: — comprava-se gado jovem, para trabalho, no geral magro, e vendia-se gado mais velho, gordinho para que se satisfizesse o rifão: «carne magra de boi gordo».

...

Não sei que «pieira» deu no negócio dos gados. Sei que hoje se compra por X gado magro e se vende por X-Y o mesmo gado quando gordo. Seja: o lavrador perde a engordar o gado.

O lavrador não sabe explicar porquê, porque é possível isso.

Nota que perde e que enriquece a marchantaria.

É fácil calcular os lucros desta desde que sabiam que o peso bruto de uma rez, devidamente esfoiada, dá 50% de carne de 1.ª; 25% de carne de 2.ª e 25% de carne de 3.ª. Que além disso dá para o marchante couros, visceras, cebos, «gaitas» e outros subprodutos.

Façam V. Ex.as — senhores leitores — as suas continhas e, depois traduzam dos números as suas considerações.

...

Seja como for: — o lavrador vem há anos sofrando prejuizos enormes com a criação e engorda de gado. Não me consta que a marchantaria tenha

o estomago vazio...

A verdade nua e crua é que a população bovina é miserável. Basta que comparem as estatísticas.

Pelos lados da minha aldeia minhota avalio da razia total. O meu caseiro sustentava 8, 10 e 12 cabeças. Hoje tem quatro — as suficientes para o amanho da terra.

Já contei, aqui, o que lhe aconteceu numa feira de Junho. Como eu o conservo como reideiro não teve necessidade de traficar com seu gado neste S. Miguel! Se tivesse!

O problema pecuário precisa de solução melhor. É impossível continuar como está. O lavrador precisa de que lhe garantam o lucro mínimo pela «engorça», sabendo-se — como se sabe — que uma arroba de carne é equivalente a cinco razas de milho. Isto sabe-o qualquer lavrador e isto finge que não sabe qualquer marchante.

No dia em que disserem ao lavrador: compra gado magro ou miudo, fá-lo engordar ou crescer e verás que ganhas para o risco a suportar e para o pastio que deles é uma aplicação de dinheiro. Segura o nas miútuas, como fazias, e verás que crias uma riqueza

para ti, para a Nação e para as terras que terão falta de adubo organico.

Do jornal «A VOZ»

## Duas grandes noticias

(Continuação da 2.ª página)

É uma das poucas serras do concelho que não tem ligação em ternos com Melgaço.

Os povos do «Rio» fazem a sua viagem por um longo carreiro. O Convento ligado à vila por um caminho quase intransitavel.

Este pedido foi já feito, ha anos, ao antigo governador Civil, sr. Dr. Francisco Carcavelos, no Facho em S. Gregório, que prometeu todo o apoio.

Tambem, o actual sr. Governador Civil prometeu toda a ajuda e certamente desta vez, irá. É de toda a justiça.

## Loduvina Martins Dentista

Consultas em Monção todas as Sextas e Sábados.

## A PAZ

(Continuação de 1.ª pág.)

Mas a leitura dos livros de história, sem a exaltação dos heróis da pátria, torna-se feia, apagada, sem interesse.

Há tantos heroísmos capazes de apaixonar os corações duma maneira mais elevada. É o heroísmo do bem — S. João de Deus a correr por entre as chamas dum hospital a arder para salvar os enfermos, S. Vicente de Paula procurando de noite nas ruas de Paris crianças que mães desnaturadas abandonavam à fome e ao frio, o nosso P.e Cruz percorrendo os bairros da miséria a distribuir pão e luz.

A sua vida de bondade heroica produziu uma impressão tam forte e a sua santidade uma atração tam profunda, que toda a cidade de Lisboa ajoelhou deante do seu cadaver a rezar e a chorar. São tantos os heroísmos do bem fazer, com os quais se poderiam escrever páginas cintilantes, que educassem as novas gerações, dando-lhes uma mentalidade de amor e respeito pelo seu semelhante em vez de as corromperem com as narrativas espectaculares de guerras brutais. Todos os leitores conhecem o que se passa, quando numa povoação se ouve o sinal dum incêndio. Nessa ocasião não há inimigos. Todos acodem, todos se juntam para apagar o fogo. Um rapaz, impressionado com este magnifico espectáculo de solidariedade, disse: — Meu pai — como eu desejava que ardesse o mundo inteiro.

Para quê? — para ver todos os homens unidos no mesmo sentimento de confraternização.

A guerra que se aproxima será este fogo purificador? Só Deus o sabe.

Artur d'Almeida





## Do alto do Pernidelo

# MELGAÇO E O CAMINHO DE FERRO

Uma das maiores aspirações dos melgacenses de gema é, sem dúvida, o prolongamento da via férrea de Monção até Melgaço, velha aspiração que já conta mais de 50 anos.

Sim, esta nossa tão justa e legítima aspiração já não data de hoje. Quem se der ao cuidado de rebuscar nos «Jornal de Melgaço», «Correio de Melgaço», «Notícias de Melgaço» (antigo), «O Melgacense», «Notícias de Melgaço» (actual) e «A Voz de Melgaço», há-de forçosamente encontrar tantos *ditos e escritos* sobre o assunto que, postos em linha, na minha modesta opinião, somariam uma distância não inferior aos miseros vinte e tal quilómetros de via que é preciso construir para que o comboio consiga chegar até nós, tristes filhos das ervas e netos das águas correntes que somos!...

Houve uma temporada em que o caminho de ferro para Melgaço parecia tornar-se em realidade. A título de história, vale a pena contar o caso:

Foi em 1900. Reinava em Portugal o Senhor D. Carlos de tão saudosa memória. A 15 de Fevereiro desse ano foi decretado o primeiro de três planos que Elvino de Brito havia elaborado e no qual figurava o prolongamento da linha de via larga do Minho de Valença a Monção e Melgaço.

Já em 1894 havia sido concedida uma em leito de estrada com via de um metro de Valença a Monção, mas o Conde de Paçõ Vieira aproveitou em 1903 o ensejo que se ofereceu para anular essa concessão a despeito de vivas instâncias de políticos.

Procedeu-se em seguida à construção de via larga até Monção.

A comissão que propuzera o prolongamento até Melgaço aconselhou o troço de via larga.

Estudaram-se logo os primeiros 9 quilómetros até a Valinha e fizeram-se dois reconhecimentos entre a Valinha e Melgaço, uns pela base da serra da Cumieira e outro a par da Estrada Nacional. O ante-projecto desse troço media 12,5 quilómetros.

O total do troço era pois de 21,7 quilómetros. Calculava-se em 1911 que esse prolongamento custaria 500 contos.

E' verdade!... 500 contos!...

Porem tudo ficou em águas de bacalhau porque

os governantes daquela época mais se preocupavam com as intrigas políticas do que com os justos interesses das populações.

Desde então para cá os melgacenses de lei (só os de lei), com olhos de misericórdia, tem continuado a clamar pelo caminho de ferro; porém sempre de cadência trocada. Compreenda-se que enquanto não acertamos todos o passo e compasso serão baldados todos os esforços que se fizerem com o fim de trazer o caminho de ferro até Melgaço.

— Que urge fazer?

Pouca coisa. Seguir o exemplo do brioso povo de Arganil cujas forças vivas, no passado dia 31 de Julho, em massa e com milhares de assinaturas, foram a Lisboa apresentar ao ministro competente a sua legítima aspiração que é o prolongamento do caminho de ferro de Serpins a Arganil.

Lá diz o velho ditado: «Quem quer vai e quem não quer manda». Se nós melgacenses queremos termos que ir e não mandar.

A Lisboa... que é o caminho...

Para complemento deste artigo, se artigos se lhes podem chamar aos meus desensabidos escritos, vou acrescentar mais algumas considerações. Que o Rev.<sup>mo</sup> Sr. P.<sup>o</sup> Júlio me perdoe pelo espaço que lhe roubo no seu conceituado jornal.

Durante o tempo que estive em Lisboa aconteceu-me, cento de vezes, de prestar serviço nas imediações dos ministérios. Por vezes via sair daquelas repartições certos grupos. Se perguntava o que significavam aqueles aglomerados logo me informavam: — É uma comissão do concelho de X, constituída por Fulano, Beltrano e Cicrano que veio pedir a S. Ex.<sup>ta</sup> o sr. Ministro de tal a realização de tal, e S. Ex.<sup>ta</sup> prometeu dar satisfação a tão justa aspiração. Outra vez era outra comissão, composta por A, B e C, respectivamente pároco, professor e presidente da Junta da freguesia de X que veio pedir a S. Ex.<sup>ta</sup> o sr. Ministro, a realização de Z...

Sim, durante a minha estadia na capital, com estes dois olhos que a terra há-de comer, vi dezenas dessas comissões que pessoalmente iam tratar,

com quem de direito, dos seus legítimos interesses. Repito, vi dezenas dessas comissões e nunca me constou que algum dos seus membros tenha ficado detido lá pelos cárceres da capital.

Confesso, porém, que nunca vi qualquer comissão de Melgaço que fosse pedir aquilo que tanta falta nos faz, o caminho de ferro.

Mário

### MINISTÉRIODA ECONOMIA

Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos,

Praça do Comércio - Lisboa

## Éditos de Concessão

Faz-se público, nos termos e para os efeitos do art.º 31.º do decreto-lei n.º 18.713 de 1 de Agosto de 1930, que Minas de Santo António, Limitada, requereu a concessão da mina de glúcinio, denominada Lameiras da Cabecinha, situada na freguesia de Gave, concelho de Melgaço, distrito de Viana do Castelo, registada na Camara Municipal do referido concelho em 23/9/1947, e convidam-se todas as pessoas a quem a citada concessão possa prejudicar, a apresentar as suas reclamações neste Ministério dentro do prazo de sessenta dias, contados da data da publicação deste édito no Diário do Governo.

Repartição de Minas, 11 de Outubro de 1946.

Pelo Engenheiro Chefe da Repartição,

Augusto de Castro Soeiro (Engenheiro)

## Por 1 Escudo

PODE LER BONS LIVROS DA BIBLIOTECA VOLANTE DO

Diário do Minho

# O Comboio para Melgaço

(Continuação da 3.ª página)

vinento das terras que o mesmo atravessaria desde o hoje-terminus da linha do Alto-Minho, até ás paragens concelhias. Pergunte-se a tantos dos que demandam o Pêso, o que lhes parece e o que pensam da solução deste problema. E, nesse numero de pessoas — que não são poucas — encontram-se altas mentalidades do País, conhecedoras de assuntos económicos e políticos. Quase poderíamos apostar que não haveria uma só que dissesse não ser precisa a satisfação da «necessidade numero um do Concelho de Melgaço. «Não acreditamos mesmo na ideia peregrina de que Monsão seja adversa a tal prolongamento! Esta tudo tem a lucrar porque Monsão será sempre uma «estação chave», para onde se canalizará todo o movimento de terras circunvisinhas dos lados norte e nascente; noção errada de que os termos duma linha são optimos para determinado fim, não tem consistência seria, se olharmos para as vias ferreas e notarmos o desenvolvimento que algumas terras tem tomado ao longo das mesmas. O comboio, apesar da evolução do transporte — que se não pode negar e impedir — é ainda o grande transporte das multidões, que a camionagem não pôde suprir. Perdoem-nos a franqueza que sempre usamos na linguagem da imprensa que, haja as necessidades que houver, a primeira, a ditatorialmente reclamada pelo povo do Concelho é a do seu «Caminho de Ferro», velha aspiração de tempos idos. O resto, virá depois com o apetrechamento económico, com a adaptação da vida de todos os dias ao ritmo que traz uma rede ferroviária. O que seriam umas terras de Melgaço — únicas no País — talvez um pouco abandonadas ou pelo menos esquecidas, servidas pelo transporte ferroviário? Porque motivo os Hoteis da Estância, a gerência dos mesmos, a Junta de Turismo, não pede, não secunda a atitude municipal neste momentoso problema? Todos não somos demais para levar por diante, para auxiliar na medida das nossas forças a Entidade máxima do Concelho. Pêso nosso lado, se Deus nos for dando vida e saúde — que os desgostos não contam — não nos calaremos tão cedo, implorando do Governo do Estado Novo um acto de justiça para Melgaço que o seu Povo eternamente bendiria.

Temos todos que trabalhar, apoiar a Câmara Municipal, que já publicamente informou das suas démarches e porisso, seja-nos permitido fazer a chamada:

Conselho Municipal! Juntas de Freguesia! Senhores Professores! Membros do Clero! Grêmios do Comércio e da Lavoura! Santa Casa! Bombeiros! Imprensa Local! Comércio, Indústria e Agricultura! Homens de Boa Vontade!...

Todos, que não falte um só nesta mobilização total, em torno do Sr. Presidente da Câmara! E porque não, fazemos o que já não é inédito? Porque não descerem lá do recanto mais distante do nosso Minho saudoso e vir até cá, até ao Terreiro do Paço, donde hoje se faz Justiça a todo o Império e a voz da nossa Serra, pedir, implorar: «Senhor Ministro! Está aqui o Concelho mais distante do Alto-Minho! Queriamos o nosso caminho de ferro, prometido, ou pelo menos falado noutras épocas, talvez na proximidade de actos eleitorais!»

Temos a certeza que o Governo da Nação, não nos enganaria. Por nós, os minhotos que cá andamos a ganhar o pão amargo de cada dia, não faltariamos à chamada.

Senhor Governador Civil! Ampare a Câmara Municipal na sua justíssima pretensão! Precisamos do caminho de ferro!

Ao encerrarmos estas pobres linhas, afirmamos continuar e continuaremos. Não seja por falta de agitar a questão a que lançamos mão num artigo publicado neste jornal em 15 de Setembro de 1947 — «E porque não?». — Os argumentos de então, são os mesmos que hoje invocariamos; felizmente que o Município, digno e plenamente conscio do seu dever — como sempre tem demonstrado — não deixou em Abril do ano corrente de tomar a posição que o enobrece e estamos certos o fará passar a letras de ouro aos anais da História Concelhia.

Bem haja!

Lisboa, 28/IX/1948.

A. Varela e Seixas



# a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:  
P.e JÚLIO HILÁRIO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência parquial de Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00  
ANO III

MELGAÇO, 15 de Novembro de 1948

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 13

## A Nossa Terra ... A nossa vida

(Atrasado na Redacção)

Aqueles que trabalham na Terra e da Terra vivem, acabam de perder um grande Amigo e grande Companheiro.

Aos sessenta e poucos anos morre na Maia, Augusto Simões, o bravo cavaleiro, que sempre lidou pela Terra, com rara valentia.

Conhecia a fundo todos os problemas agrários e em reuniões, a que assistia este homem singular, que apenas tinha o exame de instrução primária, era das primeiras figuras.

Acompanhou em certa altura a Lisboa uma Comissão, presidida por um lente da Universidade de Coimbra. Perante Sua Ex.a o Chefe do Governo, Sr. Dr. Oliveira Salazar, é exposta, em hora gravíssima para a Lavoura, o problema aflitivo que a torturava. Falaram vários, mas Augusto Simões disse a última palavra.

Era um grande Lavrador!

Solteiro, deixou quase toda a sua fortuna à Câmara da Maia, para a instalação duma «Escola Agrícola», onde os seus conterrâneos valorizem os conhecimentos sobre agricultura, e assim procurem na Terra o máximo de rendimento.

Curvamo-nos reverentes, perante essa figura que desapareceu e a todos nos deixou mais pobres... Precisávamos deste Lavrador!

Noticiaram os jornais, ainda há poucos dias, o grande rendimento que nos dá o envio de conservas de peixe, sobretudo sardinha, para a Inglaterra.

Nós que importamos muito mais, do que exportamos, temos grande necessidade do ouro, que de fora nos vem. Com ele se fazem outras transacções, para nós vitais.

(Continua na 3.ª página)

## Cartas de longe...

PANASQUEIRA, 6 — Convidado para colaborar em «A VOZ DE MELGAÇO», venho hoje, com aquele receio e timidez, naturais em quem principia, prestar a minha fraca e modesta colaboração, nestas colunas. Mas, longe da terra, que poderei dizer, contar de interessante aos leitores deste jornal em que, a semelhança de tantos melgacenses, espalhados por esse Portugal, só espero o desejo daqueles que não a abandonaram, me contem de alguma cousa? Contudo, eu sei que Panasqueira não é para a gente de Melgaço uma terra qual-

(Continua na 4.ª página)

## Castro Laboreiro progride

No dia 4 do corrente fomos até Castro Laboreiro, em companhia do illustre engenheiro agrônomo e Presidente da Juventude Agrária da Arquidiocese de Braga, o Eng. Agrônomo João Vasconcelos.

A vila estava totalmente encharcada em água e nas ruas havia lama insuportável.

Quando subimos à antiquíssima Vila de Castro, olhamos imediatamente a velhinha igreja românica, — tão carecida de reparação, — o castelo heroico — abandonado às intempéries — e a fonte, da qual afirma o Presidente da Liga da Prof. Laxia Social: «enquanto essa fonte existir estará em perigo a saúde dos seus parquianos».

Fomos visitar o dedicado pároco de Castro Laboreiro, o P.e Anibal Rodrigues, o qual não tem limites para a sua delicadeza e carinho em receber os amigos.

— Padre, vamos à Igreja.

— Sabe meu amigo uma grande notícia acerca da nossa Igreja?

— Sei, apenas, o que «A Voz de Melgaço» noticiou no seu último numero.

— Olhe. Este cá o sr. Sub-Secretário de Estado das Obras Públicas, acompanhado de Sua Ex.ma Esposa e de um engenheiro, a quem tive ensejo de expor as necessidades mais urgentes desta vila.

— E quais são as que considera mais urgentes?

— As reparações a fazer na Igreja Matriz, a conservação do castelo, e água potável para a população.

— E Sua Ex.a o Sr. Sub-Secretário interessou-se por tudo?

— Imenso. Com um carinho extraordinário viu toda a Igreja, sentiu bem a necessidade urgente de reparar este belo templo remanço, tão lindo e tão característico.

— De concreto, que fez já o Sr. Sub-Secretário?

— Enviou nos um engenheiro que estudou aqui

tudo o que era necessário fazer-se, fez o projecto e anunciaram-nos que as obras seriam dotadas no próximo ano!

— Bravo. Os meus parabéns.

— E do castelo e da água?

— Disse nos acerca do primeiro que vai ser olhado com o maior carinho para obstar à acção do tempo e a respeito do problema das águas que será encarado e melhorado oportunamente.

— Com que então vamos ter Castro laboreiro em franco progresso.

— Contamos que assim seja e muito em breve.

— Diga-me, Padre, não

O P.e Anibal digmo pároco de: quella vila  
fala a «A Voz de Me'g'ço»

se falava em construir aqui uma barragem?

— Falou se e fala-se.

— E há alguma coisa de concreto?

— Constou me que na primavera se iniciam os trabalhos para se construir.

...

Não sabemos que mais desejar, para já, a favor do bom e do laborioso povo de Castro Laboreiro, que na serra moiteja noite e dia, olhando a sua história e o seu heroísmo.

Que as palavras do digmo pároco sejam coroadas do melhor êxito.

Júlio Vaz

## A LAVOURA Cartas de longe...

Foi, há dias, entregue a S. Ex.ma o Sr. Ministro da Economia uma representação da Lavoura sobre a sua crise.

O Sr. Dr. Melo Machado fricou que era preciso resolver esta situação da lavoura, para seu desafogo.

— Também o Sr. Sub-Secretário da Agricultura e Ministro da Economia em várias reuniões temido para a lavoura palavras de muito apreço.

Vamos a ver como se resolve esta aflição situação. Como estamos, não podemos continuar.

Inicia, hoje, a sua colaboração no nosso jornal mais um melgacense, que o mesmo é dizer, mais um amigo.

É o Augusto Domingues, nosso velho assinante e dedicado encorajador desta grande iniciativa.

Agradecemos e pedimos que continue.

A redacção

## Gilberto António Cardoso

Este grande amigo do nosso jornal e conterrâneo foi nomeado enfermeiro dos Hospitais Cívis de Lisboa, por proposta do médico Dr. António Azevedo Meireles do Souto, distinto Presidente da Associação dos Médicos Católicos portugueses.

A Gilberto Cardoso, nosso prezado correspondente da capital, os nossos parabéns.

## «O Caminho do Apostolado»

É este o título do livro que há dias publicou o nosso Director.

Obra de pensamento e de acção prática, ela destina-se a quantos militam no trabalho da verdadeira formação e educação da juventude.



# PELA NOSSA TERRA...

## DA VILA E ALDEIAS

### PELA VILA Do Alto do Pernidelo

Rouças, 7

#### Notícias da quízena

Como não posso andar muito por fora, nem sempre tenho conhecimento dos actos. Por isso pouco tenho que dizer desta vez. Pena é que não haja outro, com mais conhecimento de causa, que se prontifique a dar estas notícias. Enquanto não aparecer vou eu continuando.

No passado Domingo, dia 7, por não ter havido clero suficiente para o dia 2, visto este ser um dia muito ocupado, realizou-se a Precissão de Defuntos ao Cemitério desta Vila, com os habituais Resposos.

O Campo Santo estava repleto de Cristãos, saudosos dos seus entes queridos, que ali jazem.

Todos à porfia procuraram que lhes fossem aplicados os sufrágios e Orações Rituais, que a Santa Igreja compoz para este fim.

Oxalá que muitas almas se tenham sentido aliviadas.

A chuva, sempre ameaçadora, conservou-se suspensa até ao fim da Precissão de regresso à Igreja, onde tudo concluiu com a Benção do SS.mo aos fieis incorporados nela.

— Agora, depois de muitos dias de inverno quente, o tempo tornou-se frio e sêco. Recolhidos os frutos externos, está bom para arrecadar na salgadeira os internos, queremos dizer abater os cevados. Alguns já começaram.

Que todos possam comer o pão com alegria!

— Por falta de cimento e mau tempo estão paradas as obras dos passeios da R. da Calçada. Pena é, porque assim não se passa à vontade.

#### Chaviões, 7

Precedida de um mês de recadria e de um tríduo preparatório, realizou-se solenemente o dia 31, nesta freguesia, a festa de Cristo-Rei.

Durante o tríduo, fez-se ouvir o senhor P. Carlos Vaz, zeloso arcepreste do nosso concelho, que, com a sua palavra evangelizadora de apóstolo, iluminou com a verdadeiro fé, o espírito de todos quantos, sempre em grande número o escutaram entusiasmados.

Com numerosa assistência, realizou-se de manhã o juramento das promessas do batismo feito por algumas crianças da comunidade solene, ao qual se seguiu a comunhão geral, e missa cantada por um coro de Jácistas, desta freguesia a cargo do qual estava também confiada toda a parte coral da festa.

De tarde seguiu-se a admissão de zeladoras do Coração de Jesus, promessa dos dirigentes das secções da J.A.C., Coro Falado e imposição de emblemas a algumas já criadas.

Subiu ao púlpito o distinto orador já citado que, com palavras claras enalteceu a solenidade do dia, ao qual se seguiu uma imponente precissão eucarística, que terminou na Igreja com a benção do Santíssimo Sacramento.

Não podemos deixar de louvar aqui, todos quantos estiveram empenhados nesta festa, sobretudo as catequistas e Juventudes masculina e feminina, que com o seu sacrificio contribuíram para que esta festa, que, senão a melhor fosse uma das melhores realizadas até hoje, nesta freguesia.

Consociou-se com a menina Amabéllia Bessa Esteves, desta freguesia, o senhor António Vieites Ribeiro, da freguesia de Cristóval Serviram de padrinhos a ambos, o senhor António Vasques Pinto e a menina Maria da Luz Esteves.

Depois do acto religioso, seguiu-se em casa da noiva um pequeno lanche, no fim do qual os recém-casados seguiram para o Porto em viagem de núpcias.

Para o novo lar, muitas felicidades.—C.

#### A nossa Domus Caritatis

Não conheço bem a história da nossa DOMUS CARITATIS, embora curta e de fácil esquecimento.

A primeira pedra para esta Casa de Caridade foi lançada em 14 de Agosto de 1876. A inauguração teve lugar no dia 4 de Setembro de 1872 com grande rejóio e satisfação do povo da nossa terra.

Foi seu fundador e primeiro provedor o grande melgaçense José Cândido Gomes de Abreu, de cuja llectura passa o 40.º aniversário no próximo dia 16 de Dezembro.

A fábrica é da autoria do mestre Manuel António Gomes, vulgarmente «Mestre Requeixo», pedreiro que de estas pedras fez maravilhas.

O serviço de enfermagem era feito por três Irmãs de Caridade (Franciscanas Hospitalarias Portuguesas).

Com o advento da República a liberdade e fraternidade impediu que estas enfermeiras abnegadas continuassem a prestar os seus serviços nos hospitais, e por isso usaram de desospitalar.

A tempestade passou, os ventos acalmaram-se e estas santas enfermeiras voltaram de novo a cumprir a sua missão de amor do próximo opegrado por Jesus Cristo.

Ninguém como as Irmãs de Caridade poderá exercer as funções hospitalares, em vista do ideal que as anima.

Deixavam tudo no mundo. Os seus irmãos, a sua família, são os pobres, os doentinhos, e a herança o prêmio que Deus prometeu, o Céu.

A Domus Caritatis da nossa terra tem tido muito bons administradores. Entre eles quero destacar os dois últimos pela sua honradez, bondade, zelo e carinho com que tem olhado pelo Hospital.

Embora tendo sua reconhecida modestia, quero recordar seus nomes nas colunas deste jornal.

Os Srs. Drs. Augusto César Esteves e Júlio Outeiro Esteves.

N'a parte d'arte tem tido esta Casa de Caridade a intelligen e assistência do Sr. Dr. António Cândido Esteves, digno e nulo e successor do venerando e consagrado médico Dr. Vitorino Ribeiro de Figueiredo e Castro que de suas mãos dos pobres tem dedicado a vida inteira.

Nunca a Santa Casa da nossa terra prestou tanta assistência como no ano corrente.

Ninguém bate à sua porta que não seja prontamente atendido e socorrido.

Isto se deve ao muito zelo do seu provedor, já a caridade dos bons melgaçenses que não generosamente contribuíram com suas dólíres no lucido Cortej de Oferendas que pudemos apreciar em 13 de Dezembro do ano passado.

Mas... diz o diádo: — «O diádo da balsa donde se tira e se não pôde fugir que trançõe».

Quere isto dizer que não dura sempre o produto desse Cortej de Oferendas e cumpre nos não deixar diminuir a assistência prestada pelo nosso Hospital.

Urge pois, pensar no 4.º Cortej de Oferendas para que a nossa Santa Casa continue, como até aqui, a socorrer os que precisamos.

Lembreino nos do que diz S. Pedro:

«Mas se b'etudo tende uma caridade perseverante uns com os outros, porque a caridade cobre a multidão dos peccados». (1.ª Pe.º IV B)

São João diz por sua vez: «Como haveria amor de Deus naquella que tem bens no mundo fechez as portas de seu coração quando os seus irmãos em necessidade?» (1.ª S. João III-17).

Melgaçenses, pensemos no nossa Santa Casa e lancemos as b'ses do 4.º Cortej de Oferendas, para que não falte socorro aos desprotegidos da terra.

Não nos esqueçamos de que «quem dá aos pobres empreita a Deus».

MARIO

Na passada sexta feira, foi enterrado no cemitério da vila a Sr.ª Ana Valerino, sogra do nosso bom amigo e assinante, Sr. Teodorico, de Corções.

O enterro foi muito concorrido, apesar de chover torrencialmente.

— Há dias, foi baptizada nesta freguesia uma criancinha, filha do Sr. Manuel Alves, de B lhões.

— O Senhor Oliveira Salgado, que há pouco regressou do Brasil, ao seu lugar de Surribas, nesta freguesia, distinguiu os seus conterrâneos com a oferta de 500\$00 para o relógio da torre.

Foi um grande donativo, que a freguesia nunca esquecerá.

Parece que agora sempre subirá a nossa torre o mecanismo do relógio, pois chegou, há dias, do Brasil uma carta animadora para o nosso reverendo pároco. No próximo número, certamente, já haverá boas e definitivas notícias.

— Tem chovido bastante nos últimos dias.

— Foi necessário ir para os soutos guardar os castanheiros e as castanhas...

— Do lobo, por agora, não se tem ouvido falar. Talvez o susto da caça.

— C.

#### Fiaes, 7

Mês do Rosário — Terminou o mês do Rosário nesta freguesia, o qual foi muito concorrido quer no Convento quer na Adedella.

Falecimentos — Faleceram no pretérito mês de Outubro os Srs. Vitorino Gregório, viuvo, de 87 anos de idade, do lugar de Vila do Conde, e José Domingues, solteiro, de 69 anos de idade, do lugar da Candosa.

Eram muito estimados por todos em razão das suas boas qualidades morais, deixando grandes sentimentos entre os que os conheciam.

P sameis às famílias e paz às suas almas.

Estrada — Espera-se para breve a vinda de um Engenheiro que vem tirar a planta da estrada. Deus queira que assim seja e que desta vez se cumpram as promessas.

## A SAMARITANA

DE

### Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanificio para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora: Fantásias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercenarias; Vinhos finos e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas—

A máxima seriedade nas suas transacções.



# Notas do meu caderno . . .

**UM MAQUINISTA** — Acaba de ser sagrado bispo no Paraguai, América do Sul, o filho ilustre dessa grande congregação de religiosos salesianos que em todo o mundo conta centenas de milhares de alunos nas suas escolas e colégios, dedicando-se sobretudo aos pobres.

Agora que por toda a parte se fala e muito bem da democratização do ensino, da ascensão dos pobres às províncias da luz, da ciência, a Igreja prova que desde sempre tem levado aos mais altos cargos, depois de os instruir nas suas escolas, os filhos da gente humilde.

**VIGÍLIA DE ARMAS** — No dia 31 do passado mês de Outubro, todo o país foi testemunha duma grande mobilização de armas, nos quadros da Acção Católica.

Foi a tomada de posse, em todo o Império português, dos dirigentes da Acção Católica, para o novo ano social.

A bem dizer, todo o país ali se encontra: lentes de Universidades, engenheiros, advogados, médicos, professores primários, lavradores, fidalgos, operários, etc., etc.

Para dar a noção da disciplina que existe nestes quadros, basta dizer que o Presidente das Semanas Sociais Católicas, do país o Sr. Dr. João Porto, um dos nossos grandes médicos e lente da Universidade de Coimbra, deslocou-se a Lisboa no dia trinta e um, para assistir à festa da Acção Católica, de que é ilustre ornamento, apesar de Coimbra celebrar nesse mesmo dia, com a presença de dois ministros de Educação Nacional, de Espanha e Portugal, a grande homenagem ao filósofo e teólogo, P.e Suarez, que no nosso país foi um dos primeiros mestres.

E' com júbilo que vemos por todo o país esta gloriosa cruzada de reconquista de almas, ao serviço de Cristo Rei.

**COMUNISMO** — Segundo o ministro do interior de França, Júlio Mock, está apurado que os serviços internacionais do Cominform dispenderam para as greves neste país, nada menos que 120 milhões de francos.

O Cominform é organismo internacional, do comunismo, onde a Rússia pontifica solenemente.

Quere dizer: — o comunismo francês, a soldo da Rússia, recebeu 120 milhões de francos, para levar a cabo as famosas greves dos últimos dias.

Perderam os franceses muitos milhões de francos com elas. Deram nos a todos o triste espectáculo de andarem às ordens de agentes rusos,

Lisboa e outro do Instituto Superior de Agronomia, 3 alunos dos liceus. E no presente ano, frequentam aqueles mesmos altos estabelecimentos de ensino, o engenheiro mecânico, 1 regente agrícola, 1 professor das escolas do magistério primário (de Braga) e 9 alunos, vindos do liceu!

Também é interessante registar que o Sr. Cardeal leva gastos com a restauração dos Seminários 14 MIL CONTOS de reis e com a sustentação dos seminaristas VINTE MIL (contos). Oicamos o Sr. Cardeal Patriarca: — «20 406 200 escudos, gastos por quem? voltamos a perguntar? — Gasto pelo Patriarcado Pelo Patriarcado que o Estado expulcu dos seus valores em 1911. Pelo Patriarcado que se sustenta com as esmolas dos fiéis. Pelo Patriarcado só, sem o menor auxílio do Estado». (Última alocação na Emissora Nacional).

Para conseguir este milagre, conta o Sr. Cardeal como teve de recorrer à América do Norte, ao Brasil, à nossa África, aos amigos, às almas boas.

Aqui temos a resposta àquela carta insultosa, que em tempos, um português, com graves responsabilidades pela sua cultura, dirigiu ao Sr. Cardial.

**ADMINISTRAÇÃO COMUNITÁRIA**. Conta a «Gazette Paysanne», de França, que em Ruão, na França, há um hospital com 1.800 camas, 1.300 empregados, com apenas 600 doentes.

E os doentes, com tanta empregadagem, são mal tratados, mal alimentados, e só raramente recebem roupas limpas. É director M. Mouton, comunista que ali foi colocado há dois anos, pelos ministro comunista da saúde Pública, M. Biloux.

Melgaço, 6/11/1948.

## Por 1 Escudo

PODE LER BONS

LIVROS

BIBLIOTECA VOLANTE DO

Diário do Minho

# A Nossa Terra ... A Nossa Vida

(Continuação da 1.ª pag.)

Mas este problema é muito grave. Vai por uns anos que nunca faltava nas nossas aldeias a sardinha, barata, e tão popular. Fazia-nos falta e não nos custava muito.

A construção de várias fábricas de conserva no Norte sobretudo em Vila do Conde e em Vigo e as dificuldades na passagem da fronteira, para ela, trazem-nos para nós, os rurais, uma situação muito delicada.

Mandemos para o estrangeiro o que pudermos; mas que não falte ao nosso lavrador tão carecido de meios, aquilo que tanta falta lhe faz, para seu sustento. Ao lavrador e a todos.

Volta a falar-se do problema das carnes.

Nós continuamos a vender barato os nossos gados. E as carnes continuam em alto preço.

Um dos pontos-base para o nosso lavrador, proprietário ou caseiro, é o gado. Precisamos de que os gados «corram» e nos dêem a nós que os «criamos» e alimentamos durante meses e anos a remuneração, a que temos jus.

GANHAR mais o intermediário ou o retalhista da carne, não está bem.

Os técnicos alvitram que se valorize a arroba de carne e depois se obrigue à balança nas feiras. Seja como for, o que é preciso é acabar com esta armília.

A Nação acaba de ter conhecimento da boa e agradável notícia do aumento de vencimentos aos funcionários civis e militares.

Era medida que de há muito se vinha reclamando para a justa defesa daqueles que nestes postos servem ou serviram o Estado.

Nós achamos muito bem.

No entanto, permita-se-nos uma respeitosa pergunta: — A Lavoura, que vê o aumento de salários aos seus empregados, a Lavoura, que para tudo e todos paga, a Lavoura, a quem ainda há pouco, se lhe levantaram as contribuições, quando verá a grande reforma, substancial, profunda, clara, a que tem direito e que há tanto tempo espera?

Aumentaram-se e muito bem os vencimentos do funcionalismo público e militar. Mas se a Lavoura for pobre, toda a Nação sofre!

## AUVIÃO

*Sussurrando entre as margens rociadas  
duma vegetação encantadora,  
onde pastam os gados, às manadas,  
vai caminhando o rio, às passadas,  
como um par que namora!*

*Sente se ao longe o seu andar cantante,  
ecoando nas quebradas alongadas,  
onde andou Deus em carro triunfante...  
Não se pára! Caminha pra jusante,  
para as águas salgadas!*

*No seu continuo andar não vai sozinho...!  
Quanto encontra no seu caminho arrasta,  
como ave cuidadosa, pra seu ninho,  
para matar a fome ao seu filhinho!!  
Dele tudo se afasta!!*

*Muitas vezes, cansado do caminho  
estreito, pedregoso e acanhado,  
apela aqui e além pra um vizinho  
que ele depois recebe com carinho  
como um filho, ao seu lado...*

*— Porque sendo tão forte não me levas  
as minhas amarguras desta vida,  
arrastando me, sim, destoutras trevas?!*  
*Diz-me porque razão é que as não levas  
nesse andar, nessa lida?!*...

*Levai-mas... pois, eu quero descansar...  
Levai-mas sobre a vossa protecção,  
pra se precipitarem nesse mar,  
que anda ao longe o meu peito sente urrar,  
nessa imensidão!!...*

JOSÉ GIGANTE

## O Caminho do Apostolado

Livro-estrela do nosso Director

PREÇO 20\$00 — À VEND. N. S. LIVRARIAS



# NOTÍCIAS DA QUINZENA

Washington. Truman acaba de ser reeleito Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, por uma grande maioria de 2.000.000 de votos sobre Dewey o inimigo mais terrível.

Wallace, o amigo dos russos, apenas teve cerca de um milhão de votos, quando os outros levaram cerca de quarenta e quatro milhões.

— A O. N. U., por inquérito levado a cabo, ainda há pouco, chegou à conclusão de que 230 milhões de crianças se encontram reduzidas à fome.

— No dia de finados, quase todos os cemitérios do país receberam a visita daqueles que pranteiam algum ente querido. Em Lisboa o jazigo mais visitado foi o do santo Padre Cruz, onde foram depostas muitas e lindas flores.

— Washington. O livro de Senhora da Fátima da autoria do Dr. Walsh atingiu a sétima edição com 200.000 exemplares. Os trinta e cinco milhões de católicos e mesmo muitos protestantes seguem com muito interesse caso de Fátima.

— Foi solenemente encerrada a exposição das Obras Públicas de Lisboa que revelou a todo o país o muito que nestes últimos anos se tem feito em Portugal, em todos os sectores da actividade pública.

A engenharia portuguesa e os nossos artistas provaram brilhantemente aquilo de que são capazes.

Esta exposição foi visitada por cerca de 500.000 pessoas.

— Encontram-se ainda prisioneiros meio milhão de alemães, o que nos parece mau sintoma, para este século, a que teima mais chamar civilizado.

— Na França, os comunistas perderam esmagadoramente nas eleições para o Conselho da Presidência da República, vencendo os partidários do general de Gaulle.

— A Rússia acaba de sofrer um gravíssimo desastre: — o tratado de aliança entre a Jugoslávia e a América. Tito parece agora inclinar-se para o Ocidente.

— As perspectivas da guerra parecem ter diminuído nestas últimas semanas.



## XXXI --- Castro Laboreiro

O foral de D. Afonso Henriques aqui transcrito por Leusada

Depois das considerações do artigo anterior, vamos hoje apreciar o texto do foral de D. Afonso Henriques a Castro-Laboreiro, resumido por Gáspar Alves Louzada, como se encontra no LIVRO DE FORAIS VELHOS no Arquivo Distrital de Braga e na cópia do Porto no manuscrito n.º 768 da Biblioteca Municipal donde recebi a transcrição.

As passagens relativas aos mercadores estrangeiros e aos crimes de morte são mal copiadas do foral de Ribadavia (Galiza) concedido a Melgaço por D. Afonso Henriques, foral com o qual conferi este para melhor compreensão.

Do confronto resultou ter de aumentarem as palavras entre parenteses e trocar um «trau» por «furtum».

Para apreciarem os leitores e arquivarem os apaixonados destas coisas, transcrevo o manuscrito referido, actualizando a ortografia e traduzindo entre aspas o que está em latim:

Foral que o mesmo Rei concedeu a Castro Laboreiro pelos marcos declarados, que aponta; e como parte com o mosteiro de Fiães diz «como divide com o Mosteiro de Felães e com aqueles Frades de S. Bento» e quando diz que parte com Melgaço, diz «como parte com o antigo Castelo de Melgaço que o Rei Ramiro edificou para repellar os inimigos que assaltavam a ribeira do Minho e Portugal». Começa este Foral, que é bem notável, «Em nome de Cristo, eu Afonso Rei de Portugal juntamente com minha mulher a Rainha D. Mafalda filha do Conde Amadeu de Moriana fazemos carta de doação aos homens daquele Castelo que se chama Leporeiro com seus termos que já desde antigamente lhe assinou meu trisavô o Rei Dom Afonso e deu tal foro: quando o Rei vier a esta Vila e castelo lhe pagueis 6 fiteiros ou 12 galinhas e 12 frangos por serviço; de mercadores estrangeiros quem trazer bestas carregadas de qualquer mercado pelo cavalo ou pelo mulo pague um soldo, da égua 6 (dinheiros); os peões vão ao fessado os cavaleiros ao apelido, os viles fiquem com armas a defender o porto de Araújo em tempo de guerra; se alguém entre vós matar algum vizinho, isto é, quando o vizinho vem para a justiça por sua primeira penhora a porta do homicida e dado penhora de fiador dentro de quatro dias, venha a juízo perante o vigário do Rei: se algum furtivamente matar alguém e puser o morto à porta do seu vizinho e todos o accusarem então diria-se à Igreja salve-se por juramento e fique selvo. Feita aos 3 Idos de fevereiro da era

1172. Assinaturas: (na 1ª coluna) Eu Rei, Paio Arcelii po Bracarense, Hugo Bispo Portu-galense, D. Egas Nunes, Senhor de Bralão, D. Fernando Fernandes Senhor de Vermoim, Pedro Lamecense (?), Adácio capelão régio, D. Poncio Cabreira, D. Maarria Legado de França (na 2ª coluna) Eu Rainha, Martinho Bispo Combricense, D. Pedro Paio Mordomo, D. Egídio Polcino Senhor de Neiva, Gilberto Bispo Lisbonense, Martinho Visense, D. Fernando da Cunha D. Gil Soares».

A data supra corresponde ao dia 11 de fevereiro do ano 1134 da nossa contagem cristã que então não estava em uso.

Os leitores acharão o texto exequilibrado e mat de compreender. Nisso estão de acordo comigo.

Outros, para quem a ignorância atrevida é timbre de ousadia, não acham dificuldade des e metem os pés pelas mãos nestas leituras, chegando a interpretá-las ao contrário do que elas exprimem.

Eu, porém, devo confessar que nem sempre acerto com a melhor actualização de textos desta natureza. Há termos e expressões cujo uso desapareceu com a modificação das circunstâncias sociais que fez caducar a realidade que significavam.

Não fui capaz de descobrir ainda o que fossem aqueles fiteiros que os antigos castrejos deviam pagar para o serviço ou alimentação do Rei quando ali visseis.

Fossado era um ataque de surpresa ao território inimigo, especialmente quando estavam os frutos maduros para lhes destruir ou arrebatá-lo.

Peões eram soldados a pé, a que hoje chamamos infantaria.

Apelido era a convocação urgente para defesa do território quando invadido de surpresa pelo inimigo. Ao fossado de um lado correspondia o apelido da parte contrária, «um chamado porque as sentinelas, vigias, escritas ou escritas apelidavam socorro, de que ficou contragrado no povo o termo «aquí d'el rei», transmitido ao longe por rebate de sinos e toque de cornos, tozins e trombetas.

Porto Araújo, que Viterbo e Ceztano do Amarel escreveram Orango, deve ter leitura trocada de Porto dos Anos que também se chamou Porto dos Cavaleiros talvez por estar nos limites de Lamas de Mouro que pertenceu à Ordem Militar dos Cavaleiros de Malta e se diz ter pertencido primeiro aos Cavaleiros do Templo. É o local chamado Porteiro em nossos dias, ali ao fundo da encosta da Portelinha onde o caminho velho de Castro por Fiães para Melgaço atravessa

# Cartas de longe...

(Continuação da 1.ª página)

desastres não sejam mais frequentes. E neste momento, recordo a que a mãe aflita que, não há muito, de lá de S. Gregório, me chamou ao telefone, crendo ter o seu filho morto, debaixo dos escombros. O que faz o boato!

A palavra — Panasqueira — aliás pouco agradável, derivou, segundo os entendidos, de Paneco, planta umbelifera que, anteriormente às Minas, crescia, abundante, em terrenos de canteio. Cebola, freguesia, possuía este monte, que, anualmente, semeava e não é difícil imaginar quão primitiva e miserável era a vida destes povos, encravados nos contrafortes da Estrela, senhores dum solo estéril, infecundo. «Terra ingrata, como diria Junqueiro, onde a urze, a custo, desabrocha», ainda hoje não seria muito diferente se não fosse o idealismo e a fé dum filho seu. A história não diz o nome dele. Chamava-se, por alcunha, o Pescado de Caregas e foi o primeiro que deu importância à pedra humilde, que até aí andava aos pontapés de toda a gente. Devia ser um visionário Leitor devoto do livro de S. Cipriano, calcu-riava os montes, perscrutando a rocha informe, não escondesse, lá dentro, algum tesouro. Procurava a fortuna e encontrou-a, não chegando a possuí-la. Um belo dia, pôs-se a caminho da Barroca do Zêzere. Levava nos bolsos algumas destas pedras,

para mostrar ao amigo Manuel dos Santos, ganhavidas aventureiro, como ele, andariño impenitente à procura do Eldorado. E o Manuel dos Santos, pressentindo negócio, logo veio observar a serra, conseguindo, depois de muito pedir, que o Engenheiro Silva Pinto, professor de Mineralogia, em Lisboa, viesse até cá.

Algum tempo depois, este mesmo engenheiro fazia o registo oficial da Condessa e Manuel dos Santos foi o primeiro capataz, mesquinha recompensa para quem revelara um tesouro.

Foi isto em 1898. Desde então, quantos altos e baixos! Tem conhecido dias de crise e dias de glória. Hoje labora, com a máxima intensidade.

O minhoto conhece-as, verdadeiramente, depois do início da última guerra. Por essa altura, começou a emigrar, progressivamente, para aqui, contribuindo, de modo decisivo, para o seu desenvolvimento. Entre eles, não pequeno papel cabe aos melgacenses, podendo afirmar-se que não houve freguesia ou aldeia que não tivesse enviado um dos seus filhos. Desde Castro Laboreiro até Penso, Melgaço concorreu poderosamente para a sua prosperidade, enviando-lhe óptimos trabalhadores, os melhores martelheiros. Mas não foi apenas ontem. E hoje também. Todo o Alto Minho aqui está representado. Vão-se uns, outros chegam. É um eterno fluxo e refluxo. E este operário é tão sóbrio e trabalhador, tão alegre e jovial que, vulgarmente os naturais de cá não distinguem senão dois elementos importantes: o da Beira e o do Minho.

Para eles o que não é beirão é minhoto, embora aqui viva gente de todas as Províncias. E com razão. Como trabalhador, vinga, impõe-se. Como o alegre e divertido, é vê-lo, aos domingos, nos bailes, que organiza, ou a cantar ao desafio, dando vida, alegria e movimento aos bairros. É ele quem ensina a folgar aqueles que não sabem. E quando à noite, já tarde, uma concertina toca, ou viola geme, é sempre um melgacense ou rapaz dos Arcos que a faz tocar ou gemer, numa expressão natural do que lhe vai na alma.

### o regato Trancoso (antigo Várzea).

Porto dos Anos ou dos Cavaleiros era povoação ainda no século XIX e foi passagem favorita para travessia das tropas galegas quando invadiram Portugal. Deram-se ali sangrentas escaramuças na Guerra da Restauração.

Nos crimes de morte a parte queixosa ia à porta do criminoso levantar auto de penhora, isto é, exigir caução antes de ir para a justiça. Marcada a penhora ou caução o criminoso dava fiador no prazo de 4 dias e então o queixoso ia para a justiça perante o vigário do Rei, que devia ser o alcaide do castelo.

O foral de Melgaço, através mencionado, especifica a restituição do fiador em 5 soldos e põe o prazo de 9 dias. Como 4 se escrevia «VIII» e 9 se escrevia «VIII» vê-se que houve aqui lapso de cópia omitindo o «V».

Quando os vizinhos accusassem alguém a cuja porta precisasse homem morto a ocultar, o encriminado tinha para sua defesa o recurso de se dirigir à Igreja e ali jurar em sagrado a sua inocência, ficando livre.

BERNARDO PINTOR

Augusto Domingues